



Ricardo Araújo Pereira

IDEIAS CONCRETAS SOBRE VAGAS



UMA HISTÓRIA
DA PANDEMIA

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
MMXXII

Este livro é uma selecção de textos publicados
na revista *Visão* e na *Folha de S. Paulo*
entre Março de 2020 e Outubro de 2021.

© 2022, Ricardo Araújo Pereira
e Edições tinta-da-china, Lda.
Palacete da Quinta dos Ulmeiros
Alameda das Linhas de Torres, 152, E. 10
1750-149 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/29
E-mail: info@tintadachina.pt

www.tintadachina.pt

Título: *Ideias Concretas sobre Vagas: Uma história da pandemia*

Autor: Ricardo Araújo Pereira
Revisão: Tinta-da-china
Composição: Tinta-da-china
Capa: Tinta-da-china (Vera Tavares)

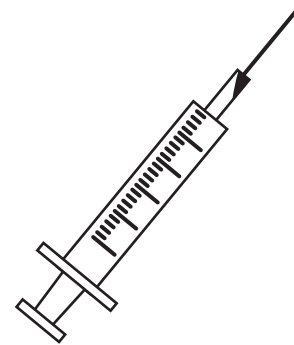
1.ª edição: Outubro de 2022

ISBN: 978-989-671-716-2
Depósito Legal n.º 505743/22

Índice

O rapaz que gritou coronavírus	9
O fim da civilização e o rabo	11
Sangue, suor e <i>likes</i>	13
A minha quarentena é melhor que a tua	17
Condes de Monte Cristo	19
Estamos todos na mesma metáfora	21
É um pássaro! É um avião! Não, é um profissional de saúde	23
A nacionalidade do coronavírus	27
Efeitos secundários da covid	29
Como evitar preocupações	31
E daí?	33
As zaragatoas e os cordões sanitários assinalados	35
Epistemologia do bucho	37
Afinal não	39
Ideias concretas sobre vagas	41
Em louvor da cloroquina	43
O inferno são os outros e a covid também	45
Na sarjeta, olhando para as estrelas	49
Quem tem cume tem mérito	51
O covidíoma	53
Ética para totós	55

Buraco sem fundo de resolução	57
Senhores passageiros, estamos tramados	59
Estado de emergenciazinha	61
Não se precata nem se deixa precata	63
Sopa e sobremesa no quadro da UE	65
Frequentadores de tascas pela verdade	67
Mais <i>horribilis</i> que este <i>annus</i> é difícil	69
Prometam-me insensatez	71
Marcelo Rebelo de Tudo	73
Nação doente e disfuncional	77
Vacinação valente	81
Zoólogos pela verdade	83
Crítica de confinamentos	85
Consensualizem lá isso	87
A que horas vai ficar tudo bem?	89
Mercúrio, Vénus, Jenga, Marte, Júpiter, Saturno, Úrano, Neptuno	91
O juiz que perdeu o juízo	93
Levantai hoje de novo as restrições em Portugal	95
Distanciamento constitucional	97
Crítica gastronómico-sanitária	99
<i>Citius, altius, fortius, imunius</i>	101
Já nem te posso não ver	103
Teoria e prática da lunaticidade	105
O mito ilógico	109



O rapaz que gritou coronavírus

O problema de tentar perceber a verdadeira gravidade do coronavírus é a pandemia de pandemias a que temos assistido. Dura há décadas. A doença das vacas loucas ia transformar o cérebro da Humanidade numa papa esponjosa. Acabou por não acontecer. Ninguém nega que haja um ou outro cérebro feito em papa, como algumas decisões recentes da Humanidade parecem revelar, mas a carne de vaca, em princípio, tem menos responsabilidades no assunto do que os *smartphones* e as redes sociais. Depois, a nova peste negra era a gripe suína. Também foi falso alarme. A seguir, veio a gripe das aves. Nova desilusão para quem esperava o fim do mundo.

Agora há o coronavírus e é difícil perceber se o alarme é justificado ou não. Sinto que já fui vítima de várias bur-las. Primeiro, evitei a carne de vaca; depois, investi nos frasquinhos de «sanitizador manual», e usei demasiadas vezes a expressão «sanitizador manual» (até porque uma vez já são demasiadas vezes); e agora pondero ir comprar

as máscaras. Que fazer? Arriscar contrair o vírus ou fazer novamente figura de parvo a prevenir uma pandemia que nunca chega?

Cada pandemia traz a sua proposta comercial, o que é evidentemente suspeito. Começa a ser difícil acreditar que cada uma destas pandemias não é mais do que um novo modelo de gripe, em que o estilista muda dois ou três pormenores, de Inverno para Inverno, e depois a comunicação social assusta-se e chama-lhe pandemia.

Se, finalmente, for uma perigosa pandemia, deixem-me anunciar antes de toda a gente que ocorrerá outra pandemia: a das pessoas que se referem à história de Pedro e o lobo quando querem aludir à fábula do rapaz que gritou «lobo». «Pedro e o lobo» é a história de Prokofiev em que Pedro não engana nenhum aldeão com falsos alarmes (até porque Pedro é um jovem pioneiro soviético, e eles não burlam ninguém, muito menos o campesinato). «O rapaz que gritou lobo», sim, é a fábula de Esopo em que um rapaz se diverte a lançar falsos alarmes até ao dia em que o alarme é verdadeiro e o lobo o devora porque ninguém o socorre. É mais uma pandemia para a qual não há vacina. Nem sanitizador manual que a previna. Nem máscara. Só, talvez, uma mordança.

O fim da civilização e o rabo

As notícias mais perturbadoras sobre a covid-19 são as que dizem respeito ao papel higiénico. Nos Estados Unidos, no Japão e no Canadá, já são impostas algumas medidas de racionamento. Na Austrália, há relatos de consumidores envolvidos em rijas pelejas, nos supermercados, por uma embalagem de rolos. Um pouco por toda a internet, especuladores vendem papel higiénico a preços exorbitantes. A covid-19 ameaça acabar com a civilização tal como a conhecemos e o primeiro pensamento da raça humana vai para o rabo. Sim, não poderei sair de casa para ir às compras, a museus e a salas de espectáculos — mas e o meu rabo? Tudo bem, fecham as escolas, as fábricas, a economia regride — mas vou fazer tudo para garantir o conforto do meu rabo. O fim do mundo há-de encontrar-me com o rabo impecável.

Ocorre-nos imediatamente o velho provérbio: «Quem tem cu tem medo.» No entanto, a sabedoria popular parece estar incompleta. Se é verdade que identifica, e de forma

muito perspicaz, a relação do medo com o cu, não é menos verdadeiro que os antigos ficaram aquém de registrar todo o alcance dessa relação. «Quem tem cu tem medo de ser apanhado com ele encardido» talvez fosse uma observação mais completa. Se alguma forma de vida alienígena nos observa de longe, tem aqui uma idiosincrasia bem interessante para analisar. Enquanto espécie, mantemos com o rabo uma relação de grande ambiguidade — talvez mesmo de hipocrisia. Ao mesmo tempo que fingimos desprezá-lo no dia-a-dia, é nele que pensamos em primeiro lugar em situações de aperto. O rabo não tem prestígio para ser tema de conversa no salão, e no entanto ocupa o centro das nossas preocupações. Os telejornais continuam a debruçar-se sobre todos os aspectos da covid-19, mas nenhum abre com a notícia do reforço da produção de papel higiénico, que nos tranquilizaria o rabo.

Pela minha parte, vou tentar cumprir todos os mais importantes conselhos para ultrapassar da melhor maneira a epidemia de covid-19, acrescentando um: lavar as mãos com frequência, tossir para a cova do cotovelo e comprar acções da Renova.

Sangue, suor e *likes*

Situações como a que estamos a passar trazem ao de cima o melhor das pessoas. E, felizmente para mim, também o pior. O melhor das pessoas é difícil de suportar, porque se trata de uma recordação dolorosa de que há gente com uma abnegação e altruísmo dos quais eu não sou capaz. Por exemplo, os profissionais de saúde passam uma vida inteira a estudar, trabalham em geral com muito menos condições do que merecem e em momentos de crise dedicam-se aos outros até à exaustão, arriscando a vida, e nós retribuimos com um grande aplauso às 22 horas — o que é bonito, mas é também o pagamento que eu recebo se subir a um palco e disser a coisa mais estúpida que me ocorrer.

Já o pior das pessoas dá gosto. Contempla-se com muita satisfação. Normalmente, porque as pessoas estão a fazer em público o que nós fazemos em privado, ou porque fazem o que nos apetece fazer mas não temos coragem. É muito mais fácil entender o pior das pessoas do que o melhor. Entendo perfeitamente quem açambarca produtos

no supermercado. Refreio-me para não fazer o mesmo, mas entendo. Além disso, o pior das pessoas tem a grande vantagem de nos permitir adoptar um comportamento que sabe mesmo bem: o julgamento. «Ah, eu nunca! Olha aquele, a fazer uma coisa da qual eu já me tinha lembrado mas felizmente não fiz, ou fiz apenas quando ninguém estava a ver!» É muito agradável.

Dito isto, vamos então assinalar um divertido comportamento, que é este: bom, tudo bem, estamos a viver uma altura difícil, mas e se eu conseguisse fazer o *post* mais viral? Mais choroso, mais sentimental, mais preocupado, mais exibicionista? Pode estar tudo a desmoronar-se, mas o fim do mundo há-de aparecer no momento em que eu tiver mais *likes* do que toda a gente. Sempre é um consolo. Ou então vou pôr a circular a peta mais partilhada no WhatsApp. A mais catastrofista, com a melhor teoria da conspiração. Infelizmente, não tenho redes sociais.

Mas gostava de sugerir um movimento contrário: *posts* sobre o modo como estamos em casa, um bocado assustados e sem vontade nem presença de espírito para dar conselhos nem para inspirar todos com a exibição de uma coragem que, na verdade, não temos. Ou uma mensagem de WhatsApp a dizer que, em princípio, a comunicação social não nos está a esconder nada e nós não temos primos alguns que trabalhem nos hospitais e tenham informações

privilegiadas sobre dois milhões de mortos. Vamos, tudo a partilhar mensagens realistas ou da mais chã humanidade. Mas não se esqueçam — por favor, não se esqueçam mesmo: fui eu — eu! — que tive a ideia.

IDEIAS CONCRETAS SOBRE VAGAS

foi composto em caracteres
Biko e Hoefler Text Pro, e impresso na
Eigal, Indústria Gráfica, em papel Holmen book
de 80 g, em Setembro de 2022.